

# F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

MICHEL FOUCAULT:

GOVERNO, BIOPOLÍTICA E PRÁTICAS DE LIBERDADE

VOLUME 16, NÚMERO 3, JUL./SET. 2019

ORGANIZAÇÃO:

ATILIO BUTTURI JUNIOR, JOSÉ LUÍS DA CÂMARA LEME E PEDRO DE SOUZA

Este número 3 de 2019 da *Fórum Linguístico* (v. 16, n. 3, jul./set. 2019), periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, é mais um dos resultados do *XI Colóquio Internacional Michel Foucault*<sup>1</sup>, que aconteceu na UFSC, em 2018 – com apoio da CAPES (PAEP) e do CNPq. Tendo como tema *Foucault e as práticas de liberdade*, o Colóquio reuniu pesquisadores e pesquisadoras de vários países, preocupados em pensar, a partir desse autor, sobre o problema da liberdade e suas repercussões não elementares no mundo contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Do XI Colóquio, foram publicados, inicialmente, os textos resultantes das mesas-redondas. São dois volumes: *Foucault e as práticas de liberdade I: o vivo e os seus limites* (Pontes, 2019) e *Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias* (Pontes, 2019).

Nesta *Fórum*, intitulada **Michel Foucault: governo, biopolítica e práticas de liberdade**, estão reunidos nove artigos e um ensaio – antes apresentados como comunicações orais nos três Simpósios Temáticos do evento<sup>2</sup> –, que versam sobre temas caros ao pensamento foucaultiano: as formas de governo, a biopolítica e, como nos debates do Colóquio, a liberdade e suas práticas. Além dos dez textos, a edição conta com uma entrevista inédita de Philippe Chevallier, fechando o número.

O artigo que abre esta *Fórum Linguístico*, intitulado **Governing free subjects: flesh, resistance and obedience**, é de autoria de **Arianna Sforzini**, pesquisadora da Université Paris-Est Créteil, e **Carolina Verlengia**, pesquisadora da ENS de Lyon. O texto volta-se para a tematização, a partir da década de setenta do século XX, do poder, da liberdade e da resistência nos estudos de Foucault. As autoras, por meio de uma ampla pesquisa bibliográfica e documental – desenvolvida nos *Fonds Foucault* da Bibliothèque Nationale de France –, apontam as genealogias possíveis para pensar o si mesmo como crítica e liberdade, entre as quais se destacam aquelas surgidas na experiência cristã.

O segundo dos artigos deste número 3 de 2019 da *Fórum Linguístico (FL)* fica na senda do governo – mais detidamente, questionando sobre as modalidades de se autogovernar. Em “**Adultere o valor da moeda**” – **possibilidades para uma biopolítica positiva a partir do modo de vida cínico**, os autores, **Castor Bartolomé Ruiz** (pesquisador da Universidade do Vale do Rio do Sinos) e **Sergio Fernando Maciel Corrêa** (pesquisador do Instituto Federal Catarinense e da Universidade do Vale do Rio do Sinos), apontam para a ligação entre a vida, a política e a filosofia e vão até o cinismo para refletir sobre as possibilidades de uma “biopolítica positiva”, que implica a subjetividade e a vida parresiástica.

Do ponto de vista de uma liberdade, desta feita relacionada à crítica kantiana, **Subjetividade e história: notas sobre as relações de Foucault com o pensamento de Kant**, terceiro artigo da presente edição da *FL* (v. 16, n. 3, jul./set. 2019), de autoria de **Tiago Viotto da Silva** e **Hélio Rebello Cardoso Júnior**, pesquisadores da Universidade Estadual Paulista, campus Assis, objetiva fazer uma leitura de dois textos de Michel Foucault – *O que são as Luzes?* e *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant* –, num comparativo com os questionamentos da década de oitenta do francês, no intuito de fazer notar a subjetividade, o corpo e a história como pontos fulcrais do itinerário foucaultiano.

Na discussão acerca dos limites em Michel Foucault, o quarto dos artigos da presente *Fórum* é **Imagens para além da linguagem?: o anacronismo da hipótese foucaultiana de uma “ruína do simbolismo gótico” em História da Loucura**. Seus autores, **Gabriel Pinezi** – pesquisador da UNESP, campus Araraquara – e **Renan Pavini** – pesquisador da PUC-PR –, analisam, a partir da distinção entre a loucura como experiência trágica e como experiência crítica, postulada em *História de Loucura na Época Clássica*, o que chamam de interpretação anacrônica, voltada para a assunção da leitura nietzscheana de um dionisíaco que transgride, a um só tempo, com a linguagem e com a história.

Trazendo o debate para o escopo da biopolítica, o quinto dos artigos da presente edição da *Fórum* é de duas autoras da Universidad de la República (Uruguay), **Elizabeth Ortega Cerchiaro** e **María José Beltrán**. O texto, **La intervención de la psiquiatría en la invención del sujeto peligroso 1930-1945**, inscreve-se na descrição foucaultiana dos dispositivos de esquadramento do indivíduo perigoso, formulado no continuum médico-jurídico, e mostra as modalidades que, no Uruguai da década de trinta e quarenta, permitiram categorizar os “desviados” segundo a ordem do perigo e dos discursos do risco e da segurança.

Também no enfrentamento da biopolítica e do higienismo da primeira metade do século XX, o sexto artigo do número 3 de 2019 da *Fórum* volta-se para o Brasil e para os *Arquivos da Liga Brasileira de Higiene Mental* (1925 a 1946). Escrito por **Vivian Ferreira Dias** e **Sandra Caponi**, pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina, e intitulado **Os sentidos da deficiência pela Liga Brasileira de Higiene Mental**, o escrito analisa os enunciados sobre as pessoas com deficiência da Liga e seus efeitos na produção da anormalização de corporalidades e de subjetividades.

<sup>2</sup> O Colóquio contou com três Simpósios, com mais de cem apresentações: **Foucault, as artes e a literatura**, coordenado por Daniel Verginelli Galantin, Tiaraju Dal Pozzo Pez e Thiago Fortes Ribas; **Subjetivação, liberdade, linguagem**, coordenado por Pedro de Souza, Daniel de Oliveira Gomes e Raquel Alvarenga Sena Venera; e **Michel Foucault e a biopolítica**, coordenado por Atilio Butturi Junior, Sandra Caponi e José Luís da Câmara Leme.

O sétimo artigo desta edição da *Fórum Linguístico*, **Endividado, devo: governo da vida pelas finanças**, é de autoria de **Inês Hennigen**, pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Hennigen recorre à afirmação foucaultiana de uma relação entre o capitalismo e o biopoder e leva a cabo uma análise da “financeirização da vida”, trazendo à tona leituras sobre biolítica e controle, como as de Deleuze, Lazaratto e Hardt & Negri, no sentido de pensar enunciados sobre a educação financeira e sobre a educação para o consumo.

O oitavo artigo deste terceiro número da *FL* intitula-se **Discursos sobre a imposição do trabalho humano como critério de ressocialização**. Escrito por **Angela Maria Rubel Fanini** e **Adriana Cabral dos Santos**, pesquisadoras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, seu objetivo é interrogar os discursos sobre a reinserção social dos sujeitos apenados, sustentada pela injunção ao trabalho. Para tanto, as autoras recorrem à jurisprudência e a sua articulação com a produção da delinquência.

**Corpos que falam – biopolítica e saúde LGBTQI** é o último dos artigos do v. 16, n. 3, de 2019, da *Fórum*. Seu autor, **Luís Antonio Bitante Fernandes**, pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Araguaia, sustenta uma aproximação entre a biopolítica foucaultiana e os estudos *queer* para deslindar os discursos e as resistências produzidos em torno das pessoas trans. Fernandes, ainda dessa perspectiva, recorre à voz de G., cujo corpo trans é atravessado por práticas de exceção e de normalização.

Por sua vez, a seção *Ensaio* conta com o escrito “**Diga ao povo que avance**”: **biopolítica e medicalização do sofrimento do povo Xukuru do Ororubá**, de **Valquiria Farias Bezerra Barbosa** e **Jaqueline Cordeiro Lopes** (pesquisadoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, campus Pesqueira). As autoras lançam luzes sobre as práticas de medicalização e os tensionamentos materializados dos Xukuru, desde a implementação da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, naquilo que diz respeito às práticas da biomedicina e que têm como efeito o discurso da centralidade da doença, o silenciamento e a aculturação.

Este número 3 da *Fórum* encerra-se com a entrevista inédita de **Phillippe Chevallier** – pesquisador da Bibliothèque Nationale de France –, concedida a **Pedro de Souza**, pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina, e traduzida por **Alessandro Francsico**. Publicada em português e francês, a conversa entre Chevallier e Souza passa, entre muitos temas, pelos debates sobre as democracias e as liberdades, pelas relações e os conflitos entre o pensamento foucaultiano e as pesquisas sobre a identidade ou a decolonialidade, e acaba numa interessante reflexão sobre uma vida não-fascista.

Depois de apresentada a nova edição – **Michel Foucault: governo, biopolítica e práticas de liberdade** –, cabe um agradecimento a todos que participaram do XI Colóquio Internacional Michel Foucault, notadamente os autores e as autoras desta edição da *Fórum*. Além disso, os agradecimentos devem ser estendidos aos leitores e às leitoras da revista, aos pareceristas e às pareceristas, à equipe editorial, ao Setor de Periódicos da UFSC, à CAPES (por meio dos programas Proex e PAEP), ao CNPq e, por fim, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelo apoio constante na produção do periódico. Esperamos que, com esta edição, mais um espaço para a liberdade e para a crítica do presente possa ser produzido.

**Atilio Butturi Junior, José Luís da Câmara Leme e Pedro de Souza**

*Organizadores*